

Algures com Maria

Do lado da luz

Maria,

Maria. Assim a chamavam quando a conheci no Movimento Internacional do *Graal* em 1969. Nessa altura comecei a escrever-lhe em francês. Com o decorrer do tempo passei do *chère* ao *bien chère*. Mais tarde *ma très chère* Maria seria substituída por *minha querida* Maria de Lourdes, lembra-se? Não, não tenho a certeza que onde quer que esteja, possa ler o que escrevo neste momento. Mesmo assim, escrevo-lhe. Dirijo-me à Maria que vive dentro de mim.

Encontro-me no espaço que durante décadas foi a sua casa em Lisboa, onde uma equipa jovem e dedicada organiza a sua documentação. Numa outra casa, em Paris, na Rue du Docteur Germain Sée, no verão de 1969, ouvi-a pela primeira vez ler poesia. *Aujourd'hui c'est l'été/Plus rien n'est divisible*.¹ Eram poemas de Guillevic. A sua voz e o seu corpo liam com uma força tremenda: *Dérisoire il est/Dans l'énormité/Des formes, des forces. / Une misère il est, Il sait ce qu'il est. /Mais centre il se sait, /Assumant le centre*.² Luz, num verão longínquo apesar da sombra do *dérisoire* da nossa condição humana, da nossa condição de mulheres.

Vários dos seus livros de poesia encontram-se num armário com portas de vidro, junto de outros que tinham um valor especial para si, como o livro *Du domaine*, também de Guillevic. Ali estão resguardados do pó, que os dias que passam, levantam e fazem descer também sobre as nossas vidas. *Des journées/A voir s'étirer le temps*.³ "Est-ce dicible ?" escreve na margem das palavras de Guillevic. A sua pergunta faz-me olhar pelas janelas enormes do *domaine* que foi o seu apartamento em Lisboa. Janelas a abrir sobre o *domaine* do mundo que para si era do tamanho de uma aldeia. Lembra-se que às vezes me telefonava à hora do pôr-do-sol quando o dia se preparava para se apagar noite dentro? Para dizer a beleza da luz e o tempo que passava devagar. Falávamos de muitas outras coisas. Agora, quatro anos mais tarde,

¹ Guillevic. *Sphère*. Paris Gallimard : 1963. "Variations sur un jour d'été" (p. 81 – 88)

² Guillevic. *Sphère*. Paris Gallimard : 1963. "Centre" (p. 78-79)

³ Guillevic *Du domaine*. Paris Éditions Gallimard : 1977. (p.19)

ma chère Maria, a sua presença luminosa intensifica-se à procura de luzes que possam cantar consigo um cântico de profeta. *Quand une lumière/Rencontre une autre lumière. /On entend monter/Un chant de prophète.*⁴

Mais uma vez é a hora do pôr-do-sol. Enquanto subo o estore, a sua fotografia colada na parede junto à janela é iluminada pela luz rubra. *Ne comptez pas/ Les soleils couchants. //Il y en aura.*⁵ Ao ver através do vidro a cúpula da Basílica da Estrela, lembro-me do dia 10 de Julho de 2004. Dia em que não ia haver mais nenhum pôr-do-sol para si, em que voou com asas de madrugada. Maria, sendo eu oriunda do tempo frio e lento do Norte da Europa, não consigo habituar-me a despedidas rápidas de vinte e quatro horas.

Do lado da sombra

Chère Maria,

A sua amiga Helena Costa – com quem, no verão de 2004, ainda tinha planeado uma viagem até ao sul de França – enviou-me via e-mail a sua fotografia. Nela, o seu olhar hesitante entre luz e sombra, entre um desejo de paz e alguma perplexidade. Talvez entre sofrimento vivido e dor antecipada. Encontrei a Helena pela primeira vez no seu funeral. Queria acompanhar a sua última viagem, porque dentro de alguns dias iria partir consigo. Foi o início de uma cumplicidade que se foi tecendo entre nós. Amiga de uma amiga tornando-se amiga.

Ao rever a fotografia no ecrã do computador, no dia de Natal de 2007, senti, Maria de Lourdes, uma tristeza no seu rosto. O lado da sombra mais pronunciado, do que o lado da luz. Ou o que influenciou a minha leitura da imagem seria a tristeza provocada pela morte recente de minha mãe? A memória que predomina de si é de uma pessoa alegre, com um sorriso aberto e um rir que vem do coração. Mas ao ver a fotografia veio-me à cabeça *Remember me, remember me, /But ah! forget my fate* e fui ouvir a frase cantada em Dido e Eneas de Purcell. Leio a sua fotografia neste registo. Parece querer dizer-me: “Lembra-te de mim”. Mas não me leve a mal, Maria de Lourdes, que neste *ailleurs* da minha escrita, me lembre também de que a vi sofrer. Porque não abordar o sofrimento quando se pressente existir?

⁴ Idem: p. 27

⁵ Idem: p. 144

Sombras da Luz

Bien chère Maria,

Recordo-me de vários momentos na sua vida em que o destino se vestiu de fatalidade. Entre 1972 e 1973, o único tempo que vivi consigo no mesmo *domaine*, no centro do Graal em Lisboa, vi-a sofrer com a doença de sua mãe. No verão de 1973, antes de eu regressar à Holanda, falou-me da vida e morte de seu pai. E estava de passagem em Lisboa quando, no dia 30 de Abril de 1985, em plena pré-campanha eleitoral para as presidenciais, de manhã cedo chegou do hospital a notícia que o seu irmão tinha morrido. A Maria de Lourdes chorava, como vivia. Intensamente. *Il n' y a pas d'ailleurs/ Où quérir d'ici*⁶, é uma frase sublinhada por si num poema de Guillevic. Falava muitas vezes na importância de poder haver um *ailleurs* nas nossas vidas. Um *ailleurs* como um lugar tão outro, povoado por, pelo menos, uma pessoa que nos possa entender. Um lugar em que nos podemos reencontrar sem sermos condicionadas pelos limites que os *domaines* demasiado conhecidos nos impõem. Onde não há olhares que configurem os nossos passos. Lugares onde nos podemos curar de algum mal que nos afecta. Mas quando morre alguém muito próximo não há nenhum *ailleurs* onde nos possamos curar do *aquí*. Foi lenta, muito lenta a cura da perda da sua grande amiga Teresa Santa Clara Gomes em 1996. A Maria de Lourdes teve de habitar um *aquí* doloroso, por não haver um *ailleurs* onde pudesse não haver a dor dessa perda. Estive muito próxima de si naquele tempo. Admirei a sua força, o seu querer continuar a pensar e agir. “Trabalhar as ideias dá-me consolo”, dizia. *Dans le domaine/Tout peut faire peur/ A qui ne l'invente pas*⁷. Foi o que tentou fazer, superar a perda e continuar a inventar o *domaine*. Ultrapassar lentamente o desespero da morte de uma amiga querida, trabalhando as ideias que a apaixonavam, viajando pelo mundo. Quando estava na Finlândia em 1997 enviou um postal com uma imagem de *Northern Lights*, escrevendo: “Significado? O que quiserem dar.”

Sisterhood sofrida

Ma très chère Maria,

⁶ Idem: p. 41

⁷ Idem: p. 70

Lembra-se de um fim de tarde em 1998, no centro do Graal *Alto da Praia*, onde tínhamos acabado de realizar um encontro da rede *Lien*? Falámos da morte. Dizia-lhe que não conseguia imaginar como seria, para mim, a vida sem a sua presença, sem a Maria de Lourdes estar algures no mesmo *domaine*, algures no mundo. “Mas é o que vai acontecer um dia”, respondeu calmamente. Foi bom termos tido esta conversa.

Le domaine/ A des murs/ Qui renvoient l'écho.⁸ “Jusqu’où ta parole ?” pergunta a Maria de Lourdes na margem do texto. Até onde chegaram as suas palavras? “Quantas palavras ditas, (...)! E quantas vezes tudo perdido, esquecido, sem fazer corpo com o saber do outro, (...)”⁹ Sofreu também com isto. Escreveu muito sobre a participação das mulheres na vida das sociedades. Fez inúmeras comunicações e conferências a assembleias de mulheres. Aprenderam muito consigo. Mas muitas das suas palavras (ainda) não encontraram eco. “Paradoxo da palavra que nos responsabiliza e ao mesmo tempo se perde.”¹⁰

Remember me, but not my fate. Maria de Lourdes, uma parte do seu destino foi o confronto ao longo da sua vida com o lado sombrio da *sisterhood*, a perda das palavras que não provocaram o tal eco de cumplicidade entre mulheres. Um *sisterhood* ainda hoje apenas conseguido parcialmente, uma vez que as diferenças, por fazerem diferença em poder, competências e estatuto entre mulheres, continuam a incomodar, sobretudo as próprias mulheres. Por isso referia por vezes o que Freud terá dito sobre o quanto a ausência de uma pessoa pode incomodar, mas também o quanto a presença dessa pessoa pode incomodar. Agora, definitivamente ausente, será que o facto de ser lembrada como a Primeira Mulher em tantos *domaines* neste país, ainda incomoda? A sua voz continua a “levantar a poeira (...)”. Desejo “que o seu cair”¹¹, agora com o Arquivo Pintasilgo da Fundação Cuidar O Futuro on-line, possa ajudar a “desenhar novas paisagens”, também através do contributo de grupos e redes de mulheres. Permitindo às mulheres, entre outras coisas e com palavras referidas por si no que intitulou um *Manifesto contra a distração ou Redes de Mulheres*: “viajar pelas ilhas encantadas das amizades novas; (...) cultivar a

⁸ Idem: p.61

⁹ *Palavras Dadas* de Maria de Lourdes Pintasilgo. Lisboa: Livros Horizonte: 2005 (p.62)

¹⁰ Idem: p.62

¹¹ Maria do Céu Guerra em *Mulher das Cidades Futuras*. Livros Horizonte: 2000 (p.205).

transparência mútua, (...) aprofundar ideias e ganhar estímulo e entusiasmo pelo trabalho colectivo; (...) tornar gostosa a companhia umas das outras e reduzir o isolamento criado por timidez ou ‘complexos’”.

Algueres

Minha querida Maria de Lourdes,

Lembro-me como admirava Dag Hammarskjöld. *The longest journey/Is the journey inwards. /Of him who has chosen his destiny, Who has started upon his quest/For he source of his being/ (Is there a source?)*.¹² Foi consigo que descobri o seu diário espiritual *Markings*. Li recentemente na Holanda um livro sobre ele.¹³ Há muitas sintonias entre si e ele. Acho que são parecidos na procura em manter um trabalho interior que permita cultivar um espírito de serviço. Segundo Hammarskjöld a base, a origem e a dinâmica deste espírito de serviço prendem-se com a capacidade de fazer “uma reverência a um ideal de vida” (...) uma fé na dignidade, mas também na bondade e na decência que fundamenta a vida de cada ser humano”.¹⁴ A Maria de Lourdes referiu num encontro no contexto de uma Assembleia do Graal em Portugal, o que a inspirou quando começou a participar no Graal internacional (o seu *morning knowledge* no Graal): “no espírito do verdadeiro *Graal* há um preconceito de benevolência e de simpatia”; tempo em que os três grandes valores que orientavam as pessoas eram: “a entrega de si mesma, um amor universal sem fronteiras e uma disponibilidade sem limites”. *Ma chère* Maria, só posso dar testemunho que foi isso que tentou fazer do destino da sua vida. *Remember me. But ah forget my fate*. Não, não posso esquecer que não foi um “destino” fácil. A exigência consigo própria reflectia-se na exigência com quem trabalhava consigo. “Que nada nos distraia”, dizia-me. Não, Maria de Lourdes, não se distraiu. Partilhava com Hammarskjöld um sentido forte de “responsabilidade em relação a todos para todos, do passado em relação ao futuro – uma responsabilidade que é o reflexo de uma integração humilde e

¹² Dag Hammarskjöld. *Markings*. New York: Ballantine Books. 1964

¹³ Monica Bouman. *De levensweg van Dag Hammarskjöld*. Kampen: Uitgeverij Ten Have. 2006

¹⁴ Idem: p.27

espontânea na vida – com todas as suas perspectivas infinitas e com um presente que nunca volta.”¹⁵

Um dia vi-a sofrer muito, talvez pela solidão que a tal viagem interior provoca. Solidão também por ter de assumir uma responsabilidade não partilhável. Estava em vésperas de decidir ser candidata à Presidência da República. Foi no dia de Natal 1984, uma das poucas vezes que passei o Natal consigo no contexto do Graal em Lisboa. Sentada no escritório, nada dizia. Fechada no silêncio do *domaine* de onde a sua voz costumava partir para todas as direcções do mundo. Naquele momento não havia nenhuma palavra sua que as paredes pudessem ecoar.

Vinte anos mais tarde, *chère* Maria, no Natal de 2004, primeiro Natal após a sua morte, outra amiga, a Dora Vigário, escreveu um poema cujas palavras talvez possam ser um consolo, num *Algures* onde as vibrações dos ecos das suas próprias palavras lhe possam chegar. Consolo que no Natal de 1984 nenhuma palavra, nem nenhum gesto lhe podiam dar:

*Como uma luz
Passou na minha vida
Como uma estrela
Rápida, brilhante ...
Como um riacho
Fresco
Repousante ...
Passou na minha vida
Como um rochedo
Sólido
Resistente
Aos assaltos das marés ...
Passou na minha vida
Como um regaço
Quente
Disponível Ao grito da justiça
À lança da verdade ...
Passou na minha vida
Como um navio
Que enfrenta a tempestade
Sem perder o rumo ...
Passou na minha vida
E deixou nela
Um rastro da luz
Que recebeu¹⁶*

Marijke de Koning
Lisboa, Janeiro 2008

¹⁵ Idem: p.100

¹⁶ Dora Vigário. *Memória de Maria de Lourdes*. Natal 2004